

# Paper do NAEA Volume 28

## O Graffiti e a paisagem da cidade: arte, ação e cultura em Campos dos Goytacazes<sup>1</sup>

*Elis de Araújo Miranda<sup>2</sup>  
Arthur Nogueira Rangel<sup>3</sup>*



*Dedicamos este texto à memória  
de Luiz Antônio Furtado Aguiar (1992-2009),  
um artista visual forjado pela geografia.*

### RESUMO

O presente trabalho apresenta a análise das referências simbólicas impressas na paisagem urbana da cidade de Campos dos Goytacazes – RJ produzidas por grafiteiros entre os anos de 2004 e 2018. Nessa perspectiva, o graffiti é entendido enquanto uma arte libertária que busca difundir novas ideias, mensagens políticas e referências culturais do lugar. Um movimento artístico que vem passando por processos de ressignificações em sua própria estrutura organizacional, em suas técnicas e estética. Dessa forma, este estudo possibilita um entendimento da criação de uma nova paisagem urbana, onde o sentido da representação é descrito sob a ótica dos artistas, criadores desses novos significados. Os grafiteiros são os sujeitos das ações e as crews constituem-se nos grupos nos quais os sujeitos encontram-se inseridos e podem definir tipos de ações diferenciadas que (re)elaboram cotidianamente a paisagem urbana. A paisagem, portanto, é produto e produtora de ações realizadas por agentes culturais/políticos.

**Palavras-chave:** Graffiti. Ação. Paisagem. Política Cultural.

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado de pesquisa com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>2</sup> Doutora em Planejamento Urbano e Regional. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP) da Universidade Federal Fluminense. Coordena o Laboratório de Pesquisa Cultura, Planejamento e Representações Espaciais (LabCult). E-mail: elismiranda10@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Professor da Rede Pública Municipal de Ensino da Prefeitura de Campos dos Goytacazes. É integrante do Laboratório de Pesquisa Cultura, Planejamento e Representações Espaciais (LabCult). E-mail: arthur\_nr2@yahoo.com.br.

## **ABSTRACT**

The work herein presents an analysis on the symbolic references impressed on the cityscape of Campos dos Goytacazes, RJ, produced by graffiti artists, from 2004 to 2018. From this perspective, graffiti is grasped as a libertarian art aimed at propagating new ideas, political messages and local cultural references; an artistic movement which has overcome processes of redefining its own organizational structure, its techniques and its aesthetics. Therefore, this study shines light upon the creation of the new urban landscape, where the meaning of the representation is described from the artists' perspectives, then becoming creators of these novel meanings. The graffiti artists are the subjects of those actions whereas the crews embody the groups in which the subjects are integrated; furthermore, they define a set of differentiated actions which (re)elaborate the cityscape on a daily basis. The landscape thus is both a product and a producer of these actions undertaken by cultural/political agents.

**Keywords:** Graffiti. Action. Landscape. Cultural Policies.

## INTRODUÇÃO

As expressões urbanas, ações e representações culturais elaboradas por sujeitos inseridos em grupos, buscam difundir ideias e estabelecer diálogos entre o artista e demais sujeitos na/da cidade. Assim, o presente trabalho tem como foco a análise do graffiti, compreendido no contexto do espaço urbano de Campos dos Goytacazes – RJ, apontado como uma expressão artística de movimentos de resistência e representação simbólica de um grupo subalternizado a partir das suas grafias e desenhos expressos na paisagem.

Dentre as artes urbanas elaborada com tintas spray, destaca-se o graffiti. Esta expressão tem maior representatividade na cidade de Campos dos Goytacazes, paralelamente ao identificamos as pichações, que tiveram um avanço significativo nos últimos cinco anos, logo após o período de criação de novos cursos de nível superior em duas universidades públicas e em um instituto federal<sup>4</sup>, concentrando uma população de jovens imigrantes universitários.

Este trabalho busca analisar as ideias difundidas a partir dos graffiti impressos na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes, fotografadas pelos autores ao longo dos anos de 2016 a 2018. De forma mais específica, o trabalho busca identificar os graffiti na paisagem, relacionando-os aos grafiteiros que os produziram; averiguando as formas de atuação dos grafiteiros na produção artística: festival, rolês e/ou mutirões, e os lugares da cidade onde essas representações encontram-se impressas de forma mais concentrada.

O estudo ampara-se no método fenomenológico, que se constitui a base da formação da escola denominada Geografia Humanista. Esta escola de pensamento tem em Eric Dardel (1954), Yi-Fu Tuan (1983) e Edward Relph (1976) os seus principais expoentes. A geografia humanista debruça-se sobre as experiências vivenciadas pelos sujeitos nos lugares e suas formas de apropriação concreta ou simbólica do espaço, além das formas com que os artistas representam seus lugares nas obras de arte. Os lugares de encontros e as marcas na paisagem revelam como se dão as relações dos sujeitos inseridos neste movimento artístico com o espaço. A mediação e a compreensão dos fenômenos, tais como: ansiedade, conduta, sociabilidade, topofilia ou topofobia, só ocorreriam por meio de suas vivências experimentadas a partir das ações realizadas individualmente ou em grupo em um dado espaço-tempo, lidas nas expressões artísticas impressas nas paisagens.

A produção da paisagem marca as referências de indivíduos ou de grupos em um dado lugar (espaço-tempo-existência-sensorialidade-identidade). A partir das referências simbólicas impressas na paisagem, criadas no contexto de movimentos artísticos/culturais/políticos demonstram as formas com que os sujeitos podem se expressar para sociedade, que a produção do espaço se faz também por meio das relações de afeto, identidade, sociabilidade e não apenas por meio da dominação, do controle, da imposição de limites e fronteiras e da violência, como fazem os grupos hegemônicos e/ou agentes do Estado que buscam delimitar o uso do espaço com o emprego de armas, normatizações ou controles de circulação que expressam o domínio territorial a partir de demonstrações de força (armada na maioria das vezes) e poder, legitimados por normatizações impostas aos sujeitos errantes.

---

4 As duas Universidades Públicas são a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e o Instituto Federal Fluminense (IFF).

Para Jacques os “Errantes” são o “Outro urbano que resiste à pacificação e desafia a construção desses pseudoconsensos publicitários. Os errantes são aqueles que Milton Santos chamou de Homens Lentos, que Ana Clara Torres Ribeiro chamou de sujeitos corporificados e Michel de Certeau, de Praticantes Ordinários das Cidades” (2014, p. 23).

Para a elaboração deste trabalho, seguimos as seguintes etapas: a) primeiro foi realizada uma pesquisa teórico-conceitual sobre a arte do graffiti enquanto um fenômeno urbano; b) um segundo momento, foram realizadas entrevistas com grafiteiros atuantes na cidade de Campos dos Goytacazes, buscando a compreensão da formação do lugar e do próprio movimento do graffiti e c) acompanhamos os eventos culturais ligados ao graffiti realizados na cidade para fins de registros fotográficos dos graffiti e, por fim, tivemos participação nas dinâmicas culturais e artísticas para fins de compreender as diferentes dinâmicas que envolvem a produção do graffiti a partir de *rolês*, festivais ou *mutirões*.

O graffiti é arte efêmera. Realizado por sujeitos subalternizados que estão a todo o momento buscando dar voz aos seus ideais, a partir de suas grafias ou personagens, numa tentativa de autoafirmação de existência ou na busca de ocupar simbolicamente o espaço urbano. Deste modo, o presente trabalho evidencia em seus resultados, as dinâmicas existentes nas ações dos grafiteiros em uma cidade média da região central do Brasil, caracterizada por ser a cidade que mais recebe rendas advindas da exploração do petróleo: Campos dos Goytacazes, no Norte do Rio de Janeiro.

## O GRAFFITI NO CONTEXTO DA ARTE URBANA

O termo graffiti encontra-se em consonância com o aquele utilizado pelos grupos de artistas de rua que usam esta grafia para designar seus trabalhos. Desse modo, graffiti é uma reminiscência do vocábulo italiano *Sgraffire*, que significa uma técnica de decoração de fachadas, segundo a qual se sobrepõem várias camadas de estuque; antes de este secar, o artista faz incisões em forma de linhas e levanta grandes zonas da camada superior (STAHL, 2009, p. 9).

A segunda definição de graffiti, apresentada por Gitahy (1999, p. 13), afirma que “*graffiti vem do italiano inscrição ou desenho de épocas antigas, [...] riscados a ponta ou a carvão, em rochas, paredes*”. Numa espécie de síntese das duas definições apresentadas, Nicholas Ganz define o termo graffiti como uma derivação da palavra italiana *sgraffito*, que significa rabisco ou ranhura. Segundo este autor existe desde os primórdios da humanidade (GANZ, 2010, p. 8).

O que nos interessa não é a definição da técnica, mas o graffiti enquanto ação coordenada, elaborada por sujeitos organizados em grupos que buscam imprimir uma marca no espaço como um ato político por meio da arte. Assim, entendemos o graffiti como movimento artístico-cultural-identitário-político disseminado mundialmente que objetiva ocupar simbolicamente o espaço urbano. Não há, no mundo, uma paisagem metropolitana sem graffiti ou pichações, o que demonstra a importância de refletirmos sobre tal fenômeno.

Os grafiteiros seriam, segundo Aguiar (p.16; 2018), os “sujeitos da ação, que em seus meandros, são capazes de romper o ordinário cotidiano, a partir de expressões que

subvertem a ordem urbana, questionando a organização do espaço. Um questionamento que se faz com arte, beleza e inteligência. Concordamos com Aguiar, em diálogo com Jacques, com a tese da desconstrução dos pseudoconsensos publicitários promovida por artistas urbanos: os sujeitos errantes.

## **Graffiti: um movimento artístico-político-cultural**

Ao longo do tempo, as escritas urbanas vêm compondo formas de resistências perante a sociedade, impondo-se a autoexistência do movimento juvenil, que por sua vez pode impor a um determinado lugar uma representatividade de poder, dominação ou reflexão de um único indivíduo ou de uma coletividade. Apesar do graffiti e da pichação possuírem, a princípio, objetivos distintos, ambas as técnicas estão pautadas sobre a mesma base ideológica: a difusão de ideais políticos, sociais, étnicos e culturais dos sujeitos errantes. O graffiti e a pichação se caracterizam por terem enraizados em seus movimentos, a essência do caráter comunicativo e subversivo (LOPES, 2011, p. 34) e quando falamos de movimentos, consideramos também os movimentos dos corpos em coreografias arriscadas e as marcas dos movimentos trazidas nos corpos (Aguiar, 2018).

Essa essência na qual o graffiti se originou tal qual é praticado até a atualidade, é apontado numa espécie de consenso entre os estudiosos e os próprios praticantes da arte. Um movimento que (in)surgiu nos Estados Unidos da América (EUA), entre os anos de 1960 e 1970, sobretudo nos bairros periféricos da cidade de Nova Iorque. Durante os anos de 1960, a cidade de Nova Iorque vivenciava uma profunda crise econômica. Imigrantes latinos e afrodescendentes que trabalhavam nas indústrias sofreram repressões e discriminações raciais. Em uma tentativa de “limpeza social” da área central, esses imigrantes, em especial os haitianos e porto-riquenhos, foram removidos das áreas centrais para as áreas mais periféricas da cidade, onde eram desprovidas de qualquer assistência social ou infraestrutura urbana. O sistema de transporte ferroviário consistia no principal meio de mobilidade da periferia para o centro.

Uma importante configuração organizacional que lutava pelos direitos civis dos imigrantes negros e nos Estados Unidos, foi a criação de um grupo partidário intitulado de “Partido dos Panteras Negras”, onde buscavam institucionalizar a luta dos direitos políticos civis e econômicos para homens e mulheres negras.

Importa ressaltar que os movimentos sociais não eram homogêneos. Havia disputas territoriais entre os representantes de grupos latinos e afrodescendentes. Se por um lado a diferença de etnias nos guetos nova-iorquinos causavam conflitos, por outro, essa mesma diversidade deu origem ao movimento cultural denominado Hip-hop, que teve como proposta reduzir os embates entre as gangs residentes nessa região, sobretudo nos bairros do Bronx e do Brooklyn. Dessa forma, Herschmann (2005), salienta que:

O hip-hop emergiu nos anos 70 nos Estados Unidos, como um forte referencial que permitiu a conformação de identidades alternativas e da consagração para os jovens, em bairros cujas antigas instituições locais de apoio foram destruídas. As identidades alternativas locais foram sendo forjadas a partir de modas e linguagens que vinham das ruas, dos guetos e de grupos e turmas de bairro. Nos Estados Unidos, muitos artistas, dançarinos e fãs do hip-hop continuam a pertencer a um sistema elaborado de grupos (HERSCHMANN, 2005, p. 186).

Na conjuntura da emergência do movimento hip-hop, as gangs deixaram de batalhar fisicamente uns contra os outros, e passaram a disputar espaços a partir de batalhas de rimas (o rap), das danças robotizadas e estilizadas que acompanhavam sincronicamente as batidas das músicas (o break), do graffiti (as artes plásticas) e práticas esportivas e de exibição de habilidades e movimentos de corpos (o basquete e o skate) O corpo se torna o próprio território de cada sujeito. É com o corpo e no corpo que as referências étnicas são expressas.

Assim, o hip-hop surgiu como um movimento de delimitação territorial dos distintos grupos periféricos e por fim tornou-se um movimento cultural de produção de um lugar de práticas artístico-culturais e esportivas, integrando os grupos periféricos. Assim, o graffiti, integrado ao movimento hip-hop se torna uma expressão dissipadora de valores e identidades, reconhecendo a identificação e afeição do grupo com o lugar (TUAN, 1983, p. 152) e os lugares de origem estão marcados nos corpos: o ritmo do andar, as cores das vestimentas, o cabelo *black power*.

O graffiti emerge como uma cultura juvenil de grupos excluídos, que assim como hoje, buscam dar voz aos agentes marginalizados e subalternizados pelo sistema em sua base conservadora. Assim, em relação ao movimento juvenil, como uma forma de reduzir as batalhas ou conflitos nos guetos, Arce (1999), destaca:

Essa nova dimensão das batalhas urbanas teve uma importante participação na atenuação dos níveis de violência entre esses setores jovens, à medida que as rivalidades são canalizadas para o terreno simbólico, o que é um dos aspectos pouco avaliados e submetidos à reflexão. Desse modo, o fenômeno do grafite diluiu, em alguns casos, a força das identidades cotidianas fortemente ancoradas na defesa dos limites do bairro, como sucedeu com o cholismo, pois eles vivem na cidade de uma maneira mais ampla (ARCE, 1999, p. 130).

Desde então, a partir dos anos 70 o graffiti que cada vez mais vinha ganhando espaço como uma cultura juvenil de massa, sofreu tentativas de “desmarginalização” ao ter sua expressão especulada a incorporação do conceito artístico da época e conseqüentemente com as galerias, o que marcaria como o fenômeno de tentativa de libertação de sua forma original (STAHL, 2009, p. 9).

Galerias de artes, museus e colecionadores de artes tentaram atribuir valor às obras produzidas nas ruas; produzindo exposições de graffiti em formato de quadros ou em paredes de galerias, atribuindo aos desenhos pintados em telas como arte e relacionando os muros das cidades às galerias<sup>5</sup>. Esse processo de musealização e de galerização do graffiti é bastante criticado pelos artistas de ruas. O processo de musealização priva os objetos de suas funções originais e os revestem de novos significados, destituindo os sujeitos de suas ações políticas e as obras de seus valores simbólicos e atribuindo-lhes valores de mercado.

Em seu meio cultural original e subversivo, o graffiti se enquadra no contexto da *street art* por ser um *ato artístico-político-cultural* e não um simples objeto a ser consumido, pois ele está

---

5 Ver as obras de Jean-Michel Basquiat (1960-1988) é considerado um dos artistas mais importantes da segunda metade do século XX. Segundo o texto impresso na exposição deste artista na mostra do Centro Cultural Banco do Brasil, entre 12 de outubro de 2018 a 7 de janeiro de 2019. Basquiat inicia sua atuação como artista de rua, escrevendo frases críticas, enigmáticas e/ou poéticas em paredes e muros da cidade de Nova Iorque como pseudônimo SAMO.



dentro de um contexto público no qual os trabalhos são realizados por indivíduos inseridos em contextos socioespaciais específicos, para a sociedade com o uso de técnicas artísticas e trazem referências de outros artistas de outros lugares e temporalidades. Na rua, o graffiti pode ser visto por todos indistintamente e as mensagens políticas, poéticas ou enigmáticas dos grafiteiros podem ser disseminadas por meio de fotografia, do cinema, estampadas em camisetas ou até mesmo inseridas em mostras de artes em galerias. A paisagem da cidade torna-se parte da obra e não apenas suporte.

## O graffiti em Campos dos Goytacazes

Enquanto um fenômeno urbano, transgressor, poético e efêmero, o graffiti na cidade de Campos dos Goytacazes só passou a ganhar maiores proporções a partir do ano de 2011 (RANGEL, LESSA, 2016, p.182). Antes desse período, o que se via eram cartazes de propagandas, mensagens religiosas e pichações em ações realizadas por indivíduos sem organização de grupos ou por agências de propaganda e marketing.

Enquanto uma expressão artística que compõe a paisagem urbana, o graffiti ganha visibilidade na área central da cidade a partir do ano de 2011 quando novos agentes se inserem na cidade. Mesmo que o movimento tenha iniciado nos primeiros dos anos 2000, principalmente nas áreas periférica, sobretudo com grafiteiros que atuavam como pichadores e passaram a criar obras em graffiti para se deixarem ser perseguidos pela polícia.

A partir de 2011 a cena da arte urbana é alterada. Supõe-se que o crescimento da população estudantil de nível superior tenha relação com o fortalecimento da arte urbana em Campos. Em 2009 foram abertos cinco novos cursos de graduação na Uff, além dos cursos de graduação em música e licenciatura em teatro no IFF, criados no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni)<sup>6</sup>. Dois anos após a abertura dos novos cursos, a cidade vê crescer a demanda por espaços e eventos culturais para atender aos jovens universitários que migraram para Campos para estudar.

O primeiro grupo de grafiteiros organizado na cidade, com uma proposta de difundir as mensagens da periferia a partir da arte urbana foi a crew<sup>7</sup> “Progressivo Artcrew”. Criada no ano de 2004 e tendo como seu pioneiro e fundador o grafiteiro “Andinho”<sup>8</sup>, a Artcrew passou a atuar na cidade de maneira sistemática, selecionando os lugares onde o grupo atuaria.

No mesmo ano de 2004, Andinho foi o responsável por organizar o primeiro encontro de grafiteiros em Campos dos Goytacazes, o qual foi intitulado “Intervenção em Grande Muro”. Objetivou a criação de um painel pintado coletivamente, com impacto visual agradável para que o graffiti se tornasse algo palatável ao gosto do campista.

---

6 O REUNI é um programa que se realiza entre 2003 e 2012. Campos dos Goytacazes recebeu cinco novos cursos na área de ciências humanas com a expansão da Universidade Federal Fluminense e o Instituto Federal Fluminense abre os cursos de licenciatura em música, licenciatura em artes visuais e licenciatura em teatro.

7 Denominação dado pelos artistas para designar grupos de grafiteiros.

8 Andinho é um grafiteiro residente na cidade de Campos dos Goytacazes, no entanto aprendeu a arte do graffiti e todas suas técnicas quando era morador na cidade do Rio de Janeiro.

A partir da realização deste primeiro encontro de grafiteiros que se formou o grupo “Progressivo Artcrew (PAC)” (Fotografia 1), que se mantém em Campos até os dias atuais agregando artistas de municípios vizinhos, de outros estados e imigrantes estrangeiros.

Fotografia 1: Graffiti realizado pelo Progressivo Artcrew no ano de 2011, na área central da cidade



Foto: Arthur Rangel, 2016.

Outra hipótese sobre o crescimento do graffiti em Campos só ter acontecido a partir de 2011 é o fato da inserção de Campos no contexto da exploração de petróleo e ampliação das rendas petrolíferas para os municípios beneficiados pelas novas regras de distribuição dos royalties e participações especiais implementadas a partir da promulgação da Lei do Petróleo de 2007.

A indústria petrolífera brasileira concentra suas atividades em Macaé, município que recebeu imigrantes de todo o Brasil, além de estrangeiros que trabalham nas empresas prestadoras de serviços às petroleiras. Tais mudanças na dinâmica econômica da região proporcionaram impactos na economia, na estrutura territorial da região (PIQUET, CRUZ, VILANI, 2013) e nos movimentos culturais nas cidades da região petrolífera.

Os jovens trabalhadores que migraram para Macaé buscaram em Campos dos Goytacazes a continuidade da formação acadêmica. Em Campos concentram-se ofertas de cursos técnicos e de nível superior. Assim, os grafiteiros-trabalhadores-estudantes de Macaé passaram a rivalizar com os grafiteiros-trabalhadores-estudantes de Campos e essas disputas podem ser lidas na paisagem de Campos (RANGEL, LESSA, 2016).

Desde então, a maioria dos grafiteiros que atua na área central de Campos dos Goytacazes, assim como nas áreas periféricas, é em maioria, de estudantes universitários que vieram de outras cidades e integraram-se aos tímidos movimentos existentes. Além de estudantes que migraram para Campos, a arte do graffiti foi difundida a partir de oficinas de graffiti ofertadas pela Fundação Municipal da Infância e da Juventude e pelo SESC. No SESC o objetivo é a difusão de uma técnica artística, enquanto os objetivos da Fundação da Infância e da Juventude era de “retirar os jovens das ruas com uma ocupação artística”. Nenhuma das instituições conseguiu alcançar os objetivos dos artistas e suas ações conseguiram provocar ressignificações nas ações dos artistas que não tiveram suas formações nas nos rolês e mutirões.



Se em sua essência o graffiti foi originado como uma arte urbana subversiva e efêmera, onde grafiteiros utilizavam de tags para assinar seus trabalhos, hoje, na cidade Campos dos Goytacazes, o que vimos é um processo de metamorfose da arte urbana, onde o graffiti perdeu seu caráter marginal e os artistas integraram-se em contextos, até então não acessados, como as escolas de artes, as oficinas oferecidas em centros culturais ou serem chamados para atuarem em oficinas oferecidas pelas secretarias municipais de cultura, de entretenimento ou da infância e da juventude e até mesmo para decorar quartos de crianças e jovens de classes abastadas que aplaudem os apagamentos dos graffitis e pichações em São Paulo pelo prefeito João Dória em janeiro de 2017.

Em Campos dos Goytacazes é perceptível quando um graffiti é produzido em um rolê, em um festival ou em um mutirão. O rolê configura-se em um ato solitário ou em um pequeno grupo que percorre a cidade como um flâneur e quando encontra oportunidade, realiza um trabalho com mensagens contundentes. Em mutirões, os artistas se reúnem em um lugar e pintam sem definição de temas, sem compromisso com o tempo e buscam interagir com os moradores do lugar, criando imagens que reportam ao cotidiano do bairro ou retratam moradores mais velhos. Por outro lado, quando o graffiti é produzido a partir dos festivais, especialmente aqueles financiados pela municipalidade (Figura 1), as pinturas deixam de ser uma arte marginal e tratam da memória da cidade, com imagens palatáveis ao gosto da sociedade.

Dessa forma, o processo de assimilação do graffiti por parte dos gestores municipais ocorreu justamente a partir do momento em que o graffiti perde seu poder de subversão e passa a atender as demandas estabelecidas pelos agentes públicos, oriundos de classes sociais hegemônicas. Os itens vedados no edital de Festival de Graffiti proposto pela Fundação Municipal da Infância e da Juventude em 2016 expressam a censura em relação a temas de caráter político ou religioso, desvirtuando o caráter subversivo, marginal e periférico que deu origem ao graffiti em Nova Iorque.

Figura 1: Fragmento do Edital do Primeiro Festival de Graffiti em Campos dos Goytacazes, no ano de 2016

2.2 O artista deverá se inscrever no Projeto observando os temas: "História de Campos dos Goytacazes", sendo absolutamente vedado fugir ao tema proposto.

2.3 São vedadas nas artes que serão executadas qualquer tipo de apologia a drogas, sexo, religião, álcool, opinião política, ou qualquer outra imagem que



possa causar mal estar público a população, considerando se tratar de um espaço público.

Nesse mesmo evento, acompanhamos e entrevistamos os grafiteiros. Questionamos se naquela ocasião, (ano eleitoral) o poder público municipal não estaria valorizando a arte urbana tardiamente, visto que o graffiti existe na cidade desde a década de 2000, e só em 2016, foi realizado o primeiro e último festival de arte urbana financiada pela gestão municipal. O grafiteiro a atuar mais tempo na cidade respondeu dessa maneira:

O poder público acha bacana quando realizamos um painel bonito, onde aquela área passa a ser valorizada em virtude da arte, no entanto eles não querem saber se para a realização daquele painel foram gastos quinhentos ou seiscentos reais. A população aceita bem o graffiti, e o poder público, por sua vez, também aceita, só que ele não apoia o movimento, não ajuda no incentivo dessa arte (Entrevista concedida pelo grafiteiro que atuar a mais tempo em Campos).

Nesse contexto, o processo de cooptação do graffiti, durante os festivais financiados por gestores municipais, o grafiteiro passa a atuar de forma controlada e sua criação prioriza a estética, deixando de atuar a partir de uma perspectiva política. Dessa forma, o graffiti que originalmente surgiu nas ruas, guetos e bairros periféricos, passa a ser controlado e ganha status produto para o mercado.

## **A ARTE URBANA NA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES**

Quando não atuam em festivais, os artistas de Campos dos Goytacazes criam, por meio de outras duas formas de organização: os rolês e os mutirões, como já tratamos em parágrafo anterior. Em cada forma de organização, faz-se a opção por diferentes técnicas que resultam em pinturas com estilos, efeitos visuais, dimensões e formas de comunicação diferenciados.

Além do graffiti, verifica-se também a ampliação do conhecimento de outras técnicas artísticas com o uso de tinta, possibilitada pela inserção de novos artistas com formação em centros universitários e em cursos e oficinas de artes oferecidos na cidade. Ao mesmo tempo que se ampliam as possibilidades artísticas, ampliam-se as áreas geográficas de atuação dos novos artistas, o que ocasionou uma dissipação dessas expressões para bairros mais distantes e com menor circulação .

A cidade de campos dos Goytacazes de um modo geral vive um processo de metamorfose da sua arte urbana. Essa transformação abarca principalmente a estrutura e o modo de se fazer a arte urbana na cidade, onde passado e presente se combinam em interações formando novos signos e formas que se convertem em temas a serem trabalhados pelos novos artistas. Em outras palavras, os novos artistas, principalmente os que proveem de oficinas, possuem sua formação artísticas pautadas nos conhecimentos adquiridos com os artistas veteranos, no entanto, diferentemente dos veteranos, os novos artistas não retratam diretamente por meio de sua arte uma afeição com o lugar, eles optam por adotar um determinado tema e a partir dele realizam suas obras.

Ainda em relação a essa nova vertente da arte urbana em Campos, há ainda aqueles sujeitos que desenvolvem suas técnicas a partir de formação acadêmica em cursos de designer gráfico ou de artes visuais, visto que essa nova geração de artistas é composta por universitários, sendo alguns deles provenientes de outras cidades e até mesmo de outros estados.

Importa ressaltar que todas essas expressões artísticas possuem formas e estilos distintos, com os quais estão relacionados aos seus criadores com técnicas adquiridas na rua ou nas oficinas de artes que se fundem. Assim, as principais expressões de arte urbana presentes na cidade de Campos dos Goytacazes são: o graffiti, a pichação (ou pichação) e o estêncil. Destacamos algumas expressões e os artistas que as produziram, pois são esses os sujeitos que tem transformado a paisagem urbana e tem delimitado lugares de encontros dos grupos que se apropriam da cidade, mesmo que simbolicamente, por meio de suas marcas na paisagem.

## Graffiti

Destacamos as distintas formas de realizar uma pintura em graffiti, segundo técnicas descritas pelos grafiteiros de Campos: *Graffiti 3D*, *Wildstyle*, *Bomber*, *Letras Grafitadas*, *Graffiti artístico* ou *livre figuração*, *Graffiti Plástico*, *Graffiti Domeio* descritas e apresentadas a seguir:

*Graffiti 3D* – São desenhos tridimensionais, criados a partir de ideias visuais que apresentam certa profundidade e são característicos por não possuírem contorno. Este modelo de graffiti requer do grafiteiro uma técnica bem desenvolvida de cores e formas. Nesta obra, Kane KS imprime a palavra JESUS sob um Leão. Simbologias advindas de religiões neo-pentecostais que se embrenham em áreas periféricas e passam a ser referências para grafiteiros inseridos nesses contextos urbanos.

Fotografia 2: Graffiti 3D feito no viaduto pelo grafiteiro Kane KS



Foto: Arthur Rangel, 2016.

*Wildstyle* – Modelo de graffiti cuja sua principal característica são letras distorcidas, que tem o formato em setas e que cobre o desenho quase por completo. Suas letras são de difícil identificação, são utilizadas como códigos, são compreendidas pelas pessoas que conhecem o mundo do graffiti. Neste estilo há pouca possibilidade de criações com expressões políticas

por se tratar de uma representação do nome do artista, uma forma de reafirmar-se no grupo de um lugar. Da mesma forma ocorre com o estilo descrito a seguir, o estilo *bomber*.

Fotografia 3 Graffiti Wildstyle realizado na Avenida 28 de Março pelo grafiteiro Gouk



Foto de Arthur Rangel, 2016.

O *Bomber*, também conhecido também como vômito ou throw-up. Estilo caracterizado por apresentar letras cujas aparências são de expressões gordas e que parecem estar vivas. Essa técnica, geralmente utiliza-se de duas ou três cores, sendo ela a forma mais praticada por grafiteiros e pichadores iniciantes, por não requerer muita habilidade técnica e nem conseguem se posicionar politicamente.

Fotografia 4: Graffiti Bomber feito pelo grafiteiro Dog Jam. Localizado na quadra debaixo do viaduto central

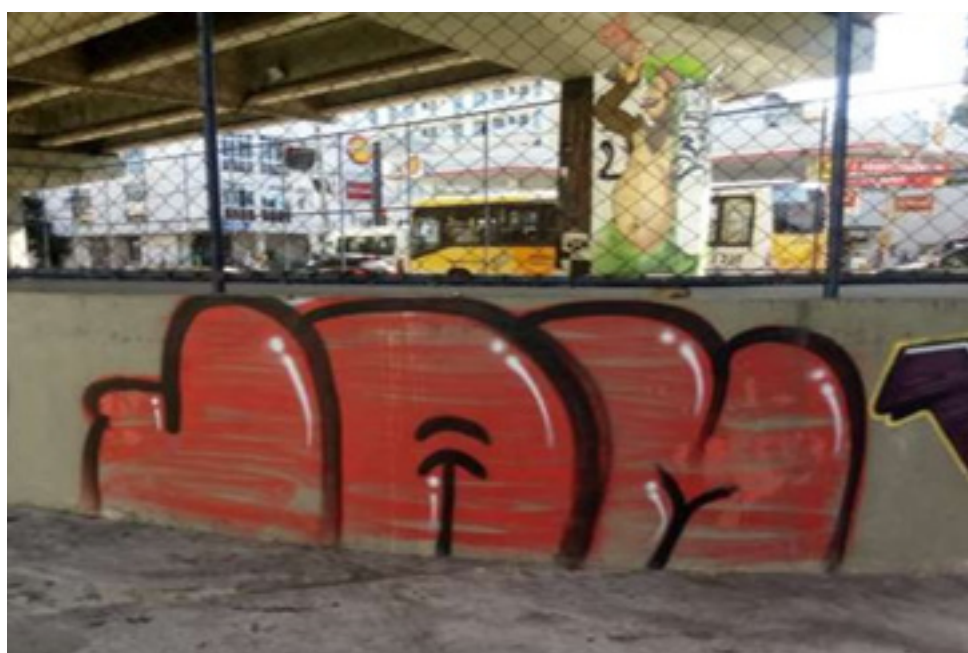


Foto: Arthur Rangel, 2016.



As Letras Grafitadas podem ser consideradas mais um estilo que não tem a preocupação em disseminar ideias, mas apenas disseminar o nome e a técnica do artista. É o tipo de graffiti que utiliza técnicas tanto da grafiteagem quanto da pichação, no entanto são formas mais sofisticadas do que o “bomber”. As letras grafitadas são caracterizadas por sempre representarem a assinatura do grupo após esses realizarem uma pintura em mural de forma coletiva.

Fotografia 5: Graffiti estilo Letras Grafitadas. Praça da República, Centro, Campos dos Goytacazes (RJ)



Foto: Arthur Rangel, 2016.

O Graffiti artístico ou livre figuração, um estilo mais elaborado em técnica, estilo e expressão de ideias. Os artistas apresentam elementos que fazem parte do mundo do grafiteiro, ou seja, esta modalidade é caracterizada por proporcionar a liberdade artística do seu autor, bem como a incorporação de caricaturas, personagens de história em quadrinhos, figurações abstratas e realistas e discutem temas políticos discutidos em um dado contexto sócio-geográfico-histórico-cultural. Na representação a seguir (Fotografia 6), obra criada por uma crew de grafiteiras denominada Teta-atua, as artistas discutem questões de gênero, o papel da mulher na sociedade e as formas de trabalho em que as mulheres atuaram e atuam na cidade de Campos dos Goytacazes (Fotografia 7).



Fotografia 6: Graffiti Artístico ou Livre Figuração realizado na mureta da Beira Rio pela grafiteira Panda no I Festival de Graffiti

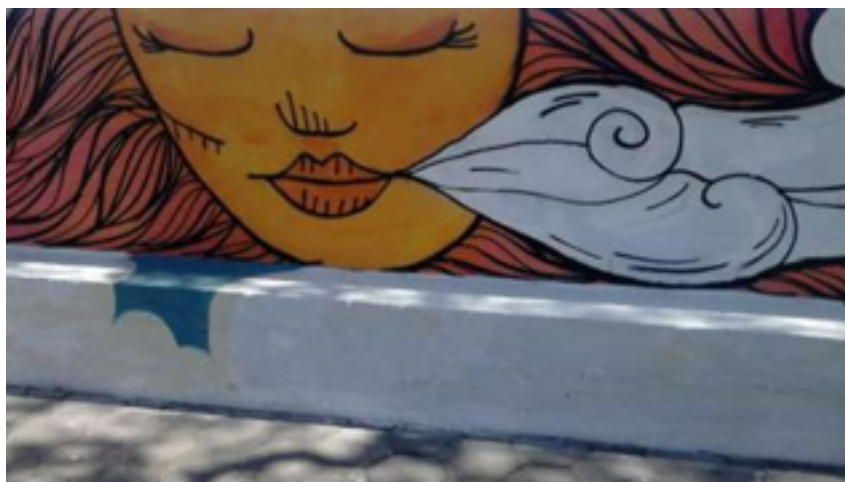


Foto: Arthur Rangel, 2016.

Fotografia 7: Graffiti Artístico ou Livre Figuração realizado na mureta da Beira Rio pela grafiteira Panda no I Festival de Graffiti



Foto: Elis Miranda, 2016.

O Graffiti Plástico, estilo de graffiti que mistura elementos da arte urbana juntamente com elementos e técnicas das artes plásticas apresenta um resultado tal qual aqueles pintados em quadros e são aceitos como arte de galeria. O artista Michael Elioberto é formado em artes visuais posterior à sua formação de grafiteiro. Por meio desse estilo e técnica, o artista imprime ideias que causam ruídos na comunicação dos transeuntes com as obras nas ruas. Os pedestres costumam parar para admirar a obra por ser bonita e colorida ou se identificar com o desenho. Neste caso, o artista cria uma representação de um indígena hábil com o arco-e-flecha, buscando imprimir uma imagem positiva dos índios goitacá, etnia que dá nome ao município.

Fotografia 8: Graffiti plástico realizado na mureta da Beira Rio pelo grafiteiro Elioberto no I Festival de Graffiti



Foto: Arthur Rangel, 2016.

Por fim, o estilo de Graffiti *Domeio*, um estilo único criado pelo grafiteiro Murilo Domeio, que utiliza traços mais firmes e marcados, assemelhando-se a características tribais para a composição de sua arte. As máscaras criadas por Domeio encontram-se inscritas em lugares dispersos na cidade, em muros pintados com cores fortes que passam a ser incorporadas como pano de fundo ao traço do artista. O detalhe nos cacos de vidro fincados no muro, é incorporado na pintura, como a coroa de espinhos fincadas na cabeça de cristo crucificado, a imagem da fotografia 9 nos remete a dor, tortura e sofrimento dos povos negros. Domeio destaca-se por continuar fiel aos princípios subversivos e da arte marginal e sua ação como sujeito errante destaca-se dos demais grafiteiros que atuam em Campos.

Fotografia 9 - Graffiti Domeio realizado na Avenida 13 de maio



Foto: Elis Miranda, 2018.

## Pichação

Assim como o graffiti, a pichação (ou pixação) também apresenta distinções em suas técnicas e estilos. Os pichadores de Campos as distinguem como: pichação paralela, Pichação Estilo Reprodução, Pichação Politizada. A Pichação Paralela (Fotografia 10) é o estilo de pichação utilizado pelo poder paralelo, principalmente para demarcar territórios e pontos de comercialização de drogas. Essa técnica busca representar a imposição do poder do grupo local em relação a outros grupos.

Fotografia 10: Pichação ligada às facções do tráfico. Rua Dr. Pereira Nunes



Foto de Arthur Rangel, 2016.

Enquanto a *Pichação Estilo Reprodução* prioriza a repetição da marca do pichador por meio da sua assinatura, as denominadas tags. Esse estilo é utilizado principalmente por pichadores iniciantes, onde busca por meio da reprodução exaustiva de sua tag o reconhecimento da sociedade e entre os demais pichadores. O suporte para a realização das pinturas é cuidadosamente selecionado. A fotografia 11 demonstra a preferência de pichadores pelos muros revestidos com pedras, o que torna a pintura “eterna” pelo grau de dificuldade de limpeza dos muros e assim a assinatura se torna “eterna” ou até que o muro seja demolido.

Fotografia 11: Pichação Estilo reprodução realizada com tags de pichadores na Avenida Alberto Torres, centro da Cidade



Foto de Arthur Rangel, 2016.

A Pichação Politizada, no qual o pichador busca dar voz e expressar as ideias pelas quais se identifica e estão associadas a voz de um grupo, de forma direta e incisiva a respeito de questões políticas, ideológicas e de problemas sociais. Geralmente esse tipo de pichação se relaciona com o momento político ou social o qual é vivenciado no ato da ação e quase sempre são criadas ao mesmo tempo em que acontecem marchas, passeatas ou atos que devem criar comunicação com pessoas que não tenham participado dos atos, mas que as fazem pensar sobre o tema.

Fotografia 12: Pichação Politizada na Av. Pelinca



Foto de Arthur Rangel, 2016.

## Estêncil

Como uma das três técnicas de pintura em parede com o uso de tinta, o estêncil se expressa segundo o Estêncil Artístico e Livre Figuração, Estêncil Subversivo. Entretanto, em ambos os casos, há conceitos a serem discutidos. Em ambos os casos, os artistas estão inseridos em movimentos políticos e culturais e a partir do estêncil desejam disseminar uma ideia, um conceito-chave.

O Estêncil Artístico e Livre Figuração permite ao artista trabalhar com elementos artísticos próprios ou se remeter a temas já estabelecidos por outros artistas em outros tempos ou lugares, mas ainda necessitam ser discutidos nessa cidade. Esse estilo costuma ser mais bem visto pela sociedade, pois prioriza traços mais detalhados e passa a ser caracterizado como “belo” pela população. E o artista passa a ser convidado para criar em espaços públicos e privados e ser remunerado por seu trabalho.



Fotografia 13: Estêncil realizado pelo grafiteiro Pablo Malafaia no viaduto do centro da cidade

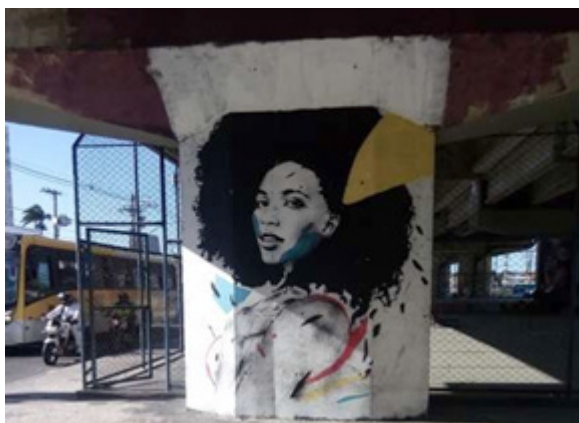


Foto de Arthur Rangel, 2017.

O Estêncil Subversivo é utilizado em manifestações sociais e intervenções urbanas que buscam de forma direta alcançar os transeuntes, grupos sociais, agentes políticos com poder de decisão. Esse estilo se assemelha ao da pichação politizada, no entanto, prioriza-se trabalhar com imagens ou com frases metafóricas. E ao utilizar o estêncil, os artistas se resguardam das ações policiais que já assimilaram que “pixo é vandalismo e graffiti é arte”. E quando o ato da pintura dá com uma única cor e é realizado a mão livre, os agentes policiais entendem que se trata de pichação e quando há cores, quando se utilizam de máscaras para que a pintura seja feita dentro de um padrão estético, o agente a considera bonita e assim não criminaliza a ação, mesmo que as frases sejam de cunho político contundente.

Fotografia 14: Estêncil Subversivo. Autor desconhecido



Foto: Arthur Rangel, 2016.

Apesar da evidência dada a essas três categorias de arte urbana, destacamos que as expressões artísticas realizadas nas ruas não se esgotam em tais categorias, pois existem outros estilos que são criados a partir de uma ou duas categorias das quais foram citadas. Dessa forma, tanto o graffiti, a pichação e o estêncil, compõem formas, técnicas e estilos que podem variar de acordo com o artista, o grupo no qual pertence. Além das artes om



tintas, há outras expressões com uso de colagens de papel, como os stickers, os lambes e/ou os cartazes que não são feitas diretamente com a aplicação de papéis em muros, postes, bancos, pilastras. Geralmente são desenhos elaborados graficamente e depois impressos em papéis e por fim colados em paredes com uso de cola artesanal.

Ainda em relação as caracterizações, cabe aqui destacar que não é o intuito desta pesquisa criar uma catalogação das expressões urbanas na cidade de Campos dos Goytacazes, visto que as expressões urbanas se [re]criam a cada ação dos sujeitos e isso não caberia dentro do prazo estimado para a construção deste trabalho. A principal intenção é apresentar as expressões realizadas na cidade de Campos dos Goytacazes, relacionar aos artistas e identificar como essas ações criam na cidade formas de uso e ocupação simbólica do espaço urbano por meio das intervenções nas paisagens. Ao mesmo tempo possibilitam ao leitor uma melhor compreensão das próprias expressões e dos variados estilos com os quais os transeuntes se deparam diariamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme evidenciado anteriormente, o presente trabalho partiu de estudos e análises de arte urbana, buscou conhecer a história do graffiti e os contextos históricos e geográficos das primeiras pinturas que receberam esta denominação. Buscamos também conhecer as técnicas de produção artística a fim de identificar quais delas são utilizadas por artistas de Campos e por fim, buscamos conhecer a produção local, identificando seus autores, as técnicas adotadas por cada artista e os lugares de atuação.

Por mais que o graffiti tenha passado por intervenções por parte do poder público local durante a realização dos festivais, os grafiteiros tentaram escapar das regras impostas e criaram desenhos com mensagens subliminares a partir de um equilíbrio entre o caráter subversivo, garantindo a liberdade de expressão e as demandas impostas pelos gestores municipais. Identificamos que os grafiteiros tentam atuar no limite de sua “liberdade”, sem deixar de atender aos requisitos propostos pelos governantes e assim garantir a presença do graffiti na paisagem urbana e o reconhecimento do graffiti como uma expressão artística.

Além dos festivais, foram realizadas ações coletivas denominadas como mutirões e ações individuais, os rolês. Nos mutirões procuram realizar seus trabalhos em grupo de grafiteiros, em áreas periféricas ou em favelas localizadas no centro da cidade, seguindo a duas regras: o estilo é livre, o tema é lugar, onde cada artista expressa a sua relação com o lugar como morador ou não daquele bairro.

Destacamos, ainda, o papel das universidades instaladas em Campos dos Goytacazes (Universidade Federal Fluminense; Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e Instituto Federal Fluminense). Os espaços universitários se tornaram lugar de encontro da juventude, pois nas universidades eles integram os cursos de graduação ou de extensão, integram sujeitos dos mais distintos lugares, classes sociais e formação cultural. A partir das universidades adquirem formação e podem, ainda, se tornarem agentes culturais, promovendo atividades como os saraus; compõem coletivos artísticos e culturais e participam de espaços de decisão das políticas culturais universitárias.

Salientamos a ação dos sujeitos errantes como aqueles que proporcionam uma ruptura no ritmo da cidade, um lapso de tempo em que os habitantes da cidade são obrigados

a observar algo que destoa da paisagem criada pelos pseudoconsensos publicitários. Ao observar a imagem em estêncil de uma bela mulher negra, a mulher negra, pobre, moradora de periferia, que não se vê pouco representada nas propagandas de televisão ou em outdoors, é tocada por aquela imagem. Do mesmo modo, o trabalhador que se depara com a mensagem “devolve meu voto golpista” também pode ser levado a uma reflexão a cerca no momento político vivenciado no país.

Assim, mesmo que o graffiti de Campos tenha passado por ressignificações, ainda assim, promove ações de ocupação simbólica do espaço, cria uma nova paisagem urbana e promove elaborações de pensamento entre aqueles que estão na cidade e não a vivenciam. Os grafiteiros buscam devolver aos trabalhadores e trabalhadoras o tempo da reflexão que o modo de produção capitalista lhes furtou. A cidade cinza ou bege mantém a mente ocupada com o trabalho. Enquanto as cores, que representam a diversidade da vida, fazem os sujeitos sonharem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Luiz Antônio Furtado. *Contra a cidade cinza: a pichação, o grafite e as possibilidades de subversão*. Dissertação de mestrado em Geografia e Meio Ambiente. Pontifícia Universidade Católica: Rio de Janeiro, 2018.

ARCE, José Manuel Valenzuela. *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 239-243.

CARLSSON, Benk; LOUIE, Hop. *Street art: técnicas e materiais para arte urbana*. Perles Beads. 1 ed. São Paulo: 2015.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 35-85.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: apresentando uma antologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Temas e Caminhos da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 07-14.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Temas e Caminhos da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010. p. 37-71.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. O urbano e a cultura: alguns estudos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Geografia Cultural: uma antologia (2)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. p. 57-69.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 221-237.

GANZ, Nicholas; MANCO, Tristan (org.). *O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010;

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GONÇALVES, Paulo Roberto. *A descoberta dos espaços urbanos: a expressão do graffiti em Campos dos Goytacazes*. Campos dos Goytacazes: Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2011.

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. *GEOgraphia*, América do Norte: UFF, v. 5, n. 10, p. 113123, dez. 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: UFPA, 2014.

LOPES, Joana Gonçalves Vieira. *Grafite e pichação: os dois lados que atuam no meio urbano*. 2011. 37 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

OLIVEIRA, Denílson Araújo de; TARTAGLIA, Leandro. Ensaio sobre uma geo-geografia dos graffitiis. *GEOgraphia*, América do Norte: UFF, v. 11, n. 22, p. 59-88, 2009.

PIQUET, Rosélia; CRUZ, José Luis Vianna e VILANI, Rodrigo M. *O desafio da abundância: 10 anos do boletim Petróleo, Royalties e Região*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

RANGEL, Arthur Nogueira; LESSA, Ranna Albino. O graffiti na área central de Campos dos Goytacazes: tatuagens na epiderme urbana. *Élisée, Rev. Geo. UEG*, Anápolis, v.5, n.1, p.170-192, jan. /jun. 2016.

RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1976.

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: história, conceitos e o seu da paisagem percebida como perspectiva de estudo. *Ra' e Ga - O Espaço Geográfico em Análise*, Curitiba: UFPR, v. 13, n. 13, p. 19-27, set. 2007.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

STAHL, Johannes. *Street Art. Alemanha*: Tandem Veriag GmbH, 2009.

TARTAGLIA, Leandro R. S. *Geograf(it)ando: a territorialidade dos grafiteiros na cidade do Rio de Janeiro*. Niterói: Dissertação (mestrado em geografia) Universidade Federal Fluminense, 2010.

TARTAGLIA, Leandro R. S. *Geograffitis: uma leitura geográfica dos graffitiis cariocas*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.